

UNIVERSIDADE TUITI DO PARANÁ – UTP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA FORENSE

JOVITA HUFEN

**Características comportamentais e psicológicas de uma  
amostra de agentes penitenciários do estado do Paraná**

CURITIBA – PARANÁ  
DEZEMBRO – 2020

**JOVITA HUFEN**

**Características comportamentais e psicológicas de uma  
amostra de agentes penitenciários do estado do Paraná**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, Área de concentração – Psicologia Forense, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora Prof. Dra. Paula Inez Cunha  
Gomide

CURITIBA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na fonte  
Biblioteca "Sydney Antonio Rangel Santos"  
Universidade Tuiuti do Paraná

H889 Hufen, Jovita.

Características comportamentais e psicológicas de uma amostra de agentes penitenciários do estado do Paraná /

Jovita Hufen; orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Inez Cunha Gomide.

44f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2019.

1. Prison officer. 2. Burnout syndrome. 3. Depressão. 4. Stress. 5. Qualidade de vida. I. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Psicologia/ Mestrado em Psicologia. II. Título.

CDD - 616.8527

Bibliotecária responsável: Heloisa Jacques da Silva – CRB 9/1212

# Características comportamentais e psicológicas de uma amostra de agentes penitenciários do estado do Paraná

Jovita Hufen e Paula Inez Cunha Gomide

## Resumo

A literatura internacional e nacional aponta um elevado índice de problemas comportamentais e psicológicos entre os agentes penitenciários. O objetivo deste estudo foi levantar índices de estresse, depressão, burnout, ideação suicida e qualidade de vida em 150 agentes penitenciários de quatro instituições penais do estado do Paraná. A amostra foi composta por 26,7% de agentes do sexo feminino e 73,3% do masculino. Foram aplicados cinco instrumentos para avaliar as características comportamentais e psicológicas dos agentes: *Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL)*, *Escala de Avaliação da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT)*, *Escala de Depressão Beck (BDI)*, *Escala de Beck Ideação Suicida (BSI)* e *Maslach Bournout Inventory (MBI)*. Os resultados indicaram que a maioria não apresentou depressão (62,7%) nem ideação suicida (89,3%). Parte significativa dos agentes apresentou sintomas de stress (38%) sendo que metade deles (45,3%) estavam em fase de alerta (fase positiva do stress). Níveis moderados de esgotamento profissional foram observados em 46% dos participantes para exaustão emocional, 49,3% para despersonalização e 3% para baixa realização profissional, que indica decepção com a qualidade do trabalho, mostrando também na pesquisa que as mulheres consideram as suas qualidades de vida piores que as dos homens. Os resultados indicam a necessidade de implantação de serviços de apoio administrativo e psicológico para os agentes nas unidades prisionais.

## Abstract

National and International literature points out a high rate of behavioral and psychological problems among prison staff. The objective of this study was to raise rates of stress, depression, burnout, suicidal intent, the and quality of life in 150 correctional officers from four penal institutions in the state of Paraná (Brazil). The sample consisted of 26.7% female agents and 73.3% male. Five instruments were applied to assess the agents' behavioral and psychological characteristics: Lipp's Stress Symptoms Inventory for Adults (ISSL), Quality of Life at Work Scale (QWL), Beck Depression Scale (BDI), Scale of Beck Suicidal Ideation (BSI) and Maslach Bournout Inventory (MBI). The results indicated that the majority did not have depression (62.7%) or suicidal ideation (89.3%). A large majority of the agents showed symptoms of stress (38%) and half of them (45.3%) were in the alert phase (positive phase of stress). Moderate levels of professional burnout were observed in 46% of participants for emotional exhaustion, 49.3% for depersonalization and 3% for low professional achievement. This indicates disappointment with the quality of work also shown in the survey was that women considered their quality of life was worse than men. The results

indicate the need to implement administrative and psychological support services for agents in prison units.

**PALAVRAS CHAVES:** "prison officer", "burnout syndrome" Depressão, Stress e Qualidade de Vida

## **Características comportamentais e psicológicas de uma amostra de agentes penitenciários do estado do Paraná**

Os agentes penitenciários lidam diretamente com a população carcerária e são responsáveis pela custódia do apenado recluso, em instituições fechadas ou abertas. Este grupo profissional é pouco estudado, por ser de difícil acesso para investigações (Barcinski, Altenbernd, & Campani, 2014). O risco e a vulnerabilidade são inerentes às características de trabalho no cárcere (Lourenço, 2010a). Os agentes penitenciários estão constantemente expostos a situações de estresse, tais como intimidações, agressões, e possibilidades de rebeliões, que ameaçam sua integridade física (Fernandes et al., 2002).

A forte carga psicoemocional, decorrente da relação agente-presos, das exigências físicas, do déficit de trabalhadores, dos turnos prolongados, das condições inadequadas de trabalho, do limitado poder de decisão, entre outros, contribui para um maior número de experiências de estresse no trabalho e para o surgimento de doenças (Boudoukha, Hautekeete, Abdelaoui, Groux, & Garay, 2011; Dejours, 1992; Rumin, Barros, Cardozo, Cavalhero, & Atelli, 2011; Santos, 2010). O trabalho em instituições prisionais envolve, dessa maneira, permanente e intenso controle emocional, além de elevada responsabilidade com vidas humanas, realização de tarefas em situação de confinamento e de relações grupais tensas, bem como situações de controle e disciplina rigidamente hierarquizadas (Lourenço, 2010b).

Em estudo realizado com agentes penitenciários da região metropolitana de Salvador/BA, Fernandes et al. (2002) encontraram prevalência de transtornos mentais comuns (TMC) em 30,7% dos participantes e estresse persistente, todos associados às condições e características do trabalho no cárcere. De acordo com Goldberg e Huxley

(1992), esses sintomas englobam insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas. (Skapinakis et al., 2013).

Pesquisas com agentes penitenciários, abrangeram várias unidades prisionais, em cinco regiões brasileiras, a saber, região norte (Dimenstein & Figueró, & Leite, 2017) região nordeste e centro oeste (Santos, Dias, Pereira, Moreira, Barros, & Serafim, 2010), região sudeste (Cervený, Costa, & Ferrareto, 2014; Santos, et al, 2010) e região sul (Bonez, Moro, & Sehnem, 2013; Elias & Voser, 2017; Santana & Cruz, 2015). Os estudos levantaram dados sobre saúde mental (Bonez et al., 2013; Lima, Dimenstein, Figueiró, Leite, & Dantas, 2019), sobre depressão (Bezerra, Assis, & Constantino, 2016; Scartazzini, & Borges, 2018), sobre *burnout* (Bonez et al., 2013; Cervený, Costa & Ferrareto, 2012; Lambert, 2010; Marques, Giongo, & Ruckert, 2018; Oliveira, Schneider, Bonafé, Maroco, & Campos, 2016), sobre *stress* (Armstrong, & Griffin, 2004; Bourbonnais, 2007; Camp et al., 2006; Dial, Downey, & Goodlin, 2010; Ghaddar et al, 2008; Goldberg et al, 1996; Gonçalo, Gomes, Barbosa, & Afonso, 2010; Johnson et al., 2005; Hartley, Davila, Marquart, & Mullings, 2013; Lambert, Kelley, & Hogan, 2013; Steiner & Wooldredge, 2015; Tartaglini, & Safran, 1997), sobre ideação suicida (Bonez et al., 2013; Dimenstein, Lima, Figueiró, & Leite, 2017) e sobre qualidade de vida (Bonez et al., 2013; Carlotto & Câmara, 2008; Tschiedel & Monteiro, 2013), além de informações pessoais dos entrevistados para avaliar variáveis demográficas.

Nos estudos brasileiros foram utilizados vários instrumentos para coletar dados, como, *O Self Report Questionnaire* (SRQ) desenvolvido por Harding, et al., (1980), validado no Brasil por Mari e Willians (1986), é instrumento utilizado para indicar distúrbios psiquiátricos como pensamentos depressivos e Ansiedade. Também para avaliar depressão e ansiedade foram utilizados o *Inventário de Depressão* (BDI) (Cunha, 2001) e o *Inventário de Ansiedade* (BAI) (Cunha, 2001). *Escalas de*

*Desesperança* (BHS) (Cunha, 2001), *Escala de Ideação Suicida* (BSI) desenvolvidas por Beck (Cunha, 2001) questionário de *WHOQOL-bref*, para avaliar a qualidade de vida (PsycholMed, 1998), *questionário de Jibeli* (2009) para avaliar o nível de burnout (Jibeli 2009), *escala de coping ocupacional* (Latack, 1986) e *Inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp* (ISSL) (Lipp, 2000) para avaliar o enfrentamento de stress.

O estresse no trabalho entre agentes penitenciários pode ser influenciado não apenas pelas características individuais, experiências e percepções da organização, mas também por fatores de nível agregado que refletem as características de um ambiente prisional, como nível de segurança e superlotação (Cullen, Link, Wolfe, & Frank, 1985). O stress, segundo Chiavenato (1999, p.377), é um conjunto de reações físicas, químicas e mentais de uma pessoa a estímulos ou estressores no ambiente. Boudoukha, Altintas, Rusinek, Hauwel, & Hautekeete (2016) apontam que agentes penitenciários demonstram altos níveis de sintomas de estresse pós-traumático, apresentam elevado grau de exaustão emocional, pontos intensos de estresse, estados elevados de despersonalização, fuga e hiper-reatividade. Estresse e burnout vivenciados pelos agentes penitenciários podem deixar ainda mais inseguro o ambiente laboral, levar a altas taxas de rotatividade entre os servidores, alto absenteísmo e baixa produtividade. Os fatores que mais contribuem para o estresse no trabalho prisional são os problemas de relacionamento (com colegas, supervisores ou prisioneiros), sobrecarga de trabalho, baixo status social da profissão e a falta de apoio social. Dados obtidos com agentes penitenciários num presídio Catarinense, mostraram que 31,57 dos entrevistados se encontravam na fase de resistência do estresse, evidenciando que o tipo de trabalho e seu conteúdo elevam o nível de stress dos trabalhadores. (Bonez, Moro, & Sehnem, 2013; Elias & Voser, 2017; Santana & Cruz, 2015).



A síndrome de burnout pode surgir a partir de rebaixada autonomia no desempenho profissional, dificuldades de relacionamento com as chefias, com colegas, conflito entre trabalho e família, sentimento de desqualificação e falta de cooperação da equipe (Albalawi, Alhawiti, Aldahil, Alshehri, Salem, Mirghani, 2017). Os sintomas podem ser físicos (sensação de fadiga progressiva e constante, distúrbios do sono, dores musculares ou ósseas, cefaleias, enxaquecas, perturbações gastrointestinais, imunodeficiência, transtornos cardiovasculares, perturbações do sistema respiratório, disfunções sexuais e alterações menstruais nas mulheres), psíquicos (falta de atenção e de concentração, alterações de memória, lentificação do pensamento, sentimentos de alienação, solidão, insuficiência, impaciência, desânimo, depressão e desconfiança), comportamentais (irritabilidade, agressividade, incapacidade em relaxar, dificuldade em aceitar mudanças, perda de iniciativa, aumento do consumo de substâncias, comportamento de alto risco e aumento da probabilidade de suicídio) e defensivos (tendência ao isolamento, sentimentos de onipotência, perda do interesse pelo trabalho ou pelo lazer, insônias e cinismo) (Kurowski, & Moreno-Jiménez, 2002)

Pesquisas realizadas com policiais civis e agentes penitenciários no Estado do Rio de Janeiro demonstram que são vulneráveis a Síndrome de *burnout* (Bonez et al., 2013; Cervený, Costa & Ferrareto, 2012; Lambert, 2010; Marques, Giongo, & Ruckert, 2018; Oliveira, Schneider, Bonafé, Maroco, & Campos, 2016). A análise mostrou que 39,8% dos agentes penitenciários apresentaram sofrimento profissional, incluindo sofrimento psicológico e baixa conscientização profissional.

Os sintomas da depressão são muito variados, indo de sensações de tristeza e pensamentos negativos a alterações da sensação corporal, como dores e enjoos (Siqueira 2009). De acordo com Siqueira (2009) a pessoa que sofre de depressão é afetada de diferentes maneiras, tanto no âmbito físico e mental, e social. Dentre os principais

sintomas podemos destacar: humor deprimido, perda de interesse, sensação de cansaço, diminuição da atenção e da concentração, autoestima e autoconfiança reduzidas, ideias de culpa e inutilidade, visão pessimista do futuro, sono perturbado e ideias de suicídio, entre outros. Estudos brasileiros sobre depressão em agentes penitenciários verificaram que 49,2% dos agentes apresentaram um baixo nível de depressão e tensão emocional, e que 50,7% se mostraram tensos e esgotados (Bezerra, Assis, & Constantino, 2016; Scartazzini, & Borges, 2018).

A ideação suicida está relacionada a pensamentos e ideias de autodestruição, englobando desejos, atitudes ou planos para pôr fim à própria vida (Borges & Werlang, 2006) está relacionada a pensamentos e ideias de autodestruição, englobando desejos, atitudes ou planos para pôr fim à própria vida. Esse é um dos preditores para o risco de suicídio, podendo ser o primeiro passo para a sua efetivação. Estes problemas podem tornar-se crônicos ou recorrentes e levar a prejuízos substanciais na capacidade de uma pessoa para cuidar das suas responsabilidades diárias. Os autores mediram a ideação suicida em 19 sujeitos entre 22 e 69 anos de idade, com prevalência do sexo masculino e escolaridade considerada alta (21,05% ensino superior completo) e não encontraram indicativos de desesperança e depressão, não havendo ideação suicida. Apenas 5,26% apresentaram grau mínimo de ansiedade e 31,57% se encontram na fase de resistência do estresse.

Os profissionais do sistema penitenciário estão mais propensos aos agravos, especialmente, pelas diversas situações laborais estressoras e redutoras de sua qualidade de vida, isto pela própria natureza do ambiente prisional que traz em si um cenário de vulnerabilidades. O trabalho no cárcere pode ser considerado potencialmente uma “ocupação arriscada e estressante”, podendo “levar a distúrbios de várias ordens, tanto físicos quanto psicológicos” (Tschiedel, & Monteiro, 2013).

## **Pesquisas com Agentes Penitenciários**

Bonez et al., (2013) conduziram uma pesquisa para identificar a presença de estresse decorrente das atividades laborais, avaliar o nível de qualidade de vida dos trabalhadores e correlacionar as dimensões de qualidade de vida com o estresse ocupacional entre 35 agentes prisionais. Os resultados indicaram que a demanda psicológica foi o que apresentou maior pontuação (3,74) e a falta de controle do trabalho a menor (2,71). O nível de qualidade de vida total dos agentes prisionais apresentou média de 71,07, com maior escore para o domínio social (76,90 pontos) e o menor ao ambiental (62,23 pontos). Ao correlacionar a qualidade de vida com o estresse, houve correlação negativa e significativa da qualidade de vida total com a falta de controle sobre o trabalho.

Pesquisas internacionais com agentes penitenciários levantaram dados sobre burnout, ideação suicida, estresse e qualidade de vida (Kinman, Clements, Hart, 2016; Tewksbury, & Higgins, 2006; Isenhardt, & Hostettler, 2016), sobre depressão e burnout (Lambert & Hogan, 2010, Bonez et al., 2013), sobre stress Bourbonnais, et al., 2007, Ghaddar et al., 2008, Hartley et al., 2013, Johnson et al., 2005; Lambert et al., 2013, Tartaglioni & Safran, 1997), sobre ideação suicida (Turecki, 1999), sobre *burnout* (Bonez et al., 2013) além de informações pessoais dos entrevistados para avaliar variáveis demográficas. Os instrumentos utilizados para coletas de dados nos estudos internacionais foram questionários confeccionados pela própria equipe da pesquisa e o questionário Maslach Bournout Inventory – MBI (Maslach & Jackson, 1981).

Os conflitos familiares parecem estar positivamente associados ao desenvolvimento do burnout no trabalho, gerando desgaste emocional, que podem levar a exaustão emocional em agentes penitenciários (Lambert, 2010). A periculosidade percebida no trabalho, geram estresse e antecedem ao desgaste para a

equipe das agentes prisionais. O apoio social diferenciado e apoio dos supervisores pode reduzir a incidência do bournout favorecendo sentimentos de bem-estar psicológico no local de trabalho entre os agentes penitenciários.

Estudos sobre ideação suicida em agentes penitenciários encontraram ausência de desesperança, depressão e ideação suicida e grau mínimo de ansiedade (Bonez, A., Moro, D. A. B. E., & Sehnem, S. B. 2013). Por outro lado, estudos sobre satisfação no trabalho de funcionários prisionais mostraram níveis relativamente baixos de satisfação no trabalho, acompanhados de esgotamento da equipe (Lambert, 2010). Armstrong e Griffin (2004) encontraram que os 40% dos trabalhadores acham o trabalho perigoso, 13.3% sentem medo e 20% percebem o trabalho como uma ameaça, revelando problemas na organização e no processo de trabalho.

Não apenas a literatura internacional (Kalinsky, 2008; Ghaddar, Mateo, & Sanchez, 2008), mas também a nacional (Lourenço, 2010; Lopes, 2007; Fernandes et al. 2002) vêm apontando para o elevado índice de adoecimento psíquico (estresse, alcoolismo, transtornos mentais), que marca o cotidiano laboral dessa categoria. Aliada a isso, a superlotação e a carência de trabalhadores nas unidades prisionais acabam por agravar a situação, provocando desgaste físico e mental (Lopes, 2007).

Os agentes penitenciários estão constantemente expostos a situações de estresse, tais como intimidações, agressões, ameaças e possibilidades de rebeliões, que ameaçam sua integridade física (Fernandes et al., 2002). O trabalho em instituições prisionais envolve, dessa maneira, permanente e intenso controle emocional, além de elevada responsabilidade com vidas humanas, realização de tarefas em situação de confinamento e de relações grupais tensas, bem como situações de controle e disciplina rigidamente hierarquizadas (Lourenço, 2010).

Pesquisas Nacionais e Internacionais compararam a profissão de agentes penitenciários a outras profissões, encontrando grande prevalência de ansiedade, hipertensão, doenças psicossomáticas, e reações comportamentais (**p.ex. abuso de drogas**) (Johnson et al., 2005; Bourbonnais, 2007), sofrimento psíquico, altas demandas psicológicas, baixo poder de decisão (Bourbonnais et al., 2007), além de alta frequência de reações relacionadas ao stress, como absenteísmo (Camp et al., 2006; Goldberg et al., 1996; Tartaglino e Safran, 1997).

Existe uma prevalência de distúrbios emocionais (18,6%), de distúrbios da ansiedade (7,9%) associados a altas demandas psicológicas, baixa autoestima, baixo controle, baixo apoio social, alta exposição e insegurança no trabalho entre agentes prisionais (Ghaddar et al., 2008). Na mesma pesquisa, os autores encontraram que 68,5% dos agentes penitenciários entrevistados fazem uso de álcool e 15,6% apresentam suspeita de alcoolismo. Tartaglino e Safran (1997), referem-se aos agentes penitenciários como profissionais submetidos a um alto risco para a doença relatada como estresse debilitante.

O objetivo desta pesquisa foi levantar características comportamentais e psicológicas, tais como stress, depressão, burnout, ideação suicida e qualidade de vida de uma amostra de agentes penitenciários do estado do Paraná.

## **Método**

### **Participantes**

A amostra foi composta por 150 agentes penitenciários, dos quais 40 (26,7%) eram agentes do sexo feminino e 110 (73,3%) do sexo masculino. A faixa etária variou

de 27 a 66 anos, com média de 44,2 ( $dp = 7,9$ ). Entre as mulheres a idade média foi de 43,1 ( $dp=8,15$ ) e, entre os homens, de 44,7 ( $dp=7,8$ ). A maioria era casada (50,7%) ou com união estável (14%), com menor número de solteiros (24,7%) ou divorciados (10,7%). Poucos não tinham filhos (26,7%), a maioria tinha entre 1 e 3 filhos (70,6%) e apenas 4% da amostra tinha 4 ou 5 filhos.

A maioria dos participantes havia cursado (52%) ou cursava ensino superior (8,7%), com inclusive curso de especialização (7,3%). Um terço apenas da amostra tinha ensino médio (27,3%), com apenas 2% com ensino fundamental.

### **Local**

Os dados foram coletados em quatro instituições penais, descritas a seguir:

**Penitenciária 01:** Unidade penal de segurança máxima, destinada as presas provisórias e condenadas, localizada no município de Piraquara, contêm atualmente 400 presas e 94 agentes penitenciarias 85 feminina ( dos quais 19 são agentes de Cadeia Publica , 55 agentes penitenciarias , 01 Auxiliar Administrativo , 01 Telefonista ,01 Técnico Administrativo, 01Técnico de Enfermagem, 01 psicóloga. ) e 09 masculino (dos quais 03 agente penitenciário , 04 Técnico Administrativo , 01 Técnico de Enfermagem. Dados atualizados pelo Quadro Informativo dos servidores por cargo e função 22/10/2019)

**Penitenciária 02:** estabelecimento penal de segurança máxima, destinado a presos condenados do sexo masculino que cumprem pena em regime fechado, localizada no Município de Piraquara, contêm atualmente 1.700 presos e 176 agentes penitenciários, 167 do sexo masculino(dos quais 1 é Auxiliar de Manutenção , 01 Auxiliar operacional , 01 Técnico Administrativo , 01 Técnico de Enfermagem, 01 Odontólogo) e 09 do sexo feminino ( dos quais 1 é Auxiliar Administrativo, 01 Técnico

Administrativo, Técnico de Enfermagem, 01 Assistente Social, 01 Enfermeira, 01 Psicóloga), divididos em três plantões. (Dados atualizados de acordo com o Quadro Informativo dos Servidores por cargo e função 22/10/2019.)

**Penitenciária 03:** integra o Complexo Penitenciário de Piraquara e oferece atividades educacionais e de trabalho durante todo o dia. A unidade penal possui atualmente 288 detentos que estão em fase final de cumprimento de pena, próximos de retomar ao convívio em sociedade, e 48 agentes penitenciários, 42 do sexo masculino e 06 do sexo feminino. (02 agentes penitenciários, 01 enfermeira, 01 Assistente Social, 01 profissional de Nível Superior, 01 Pedagoga, conforme dados do quadro informativo dos servidores por Cargo e Função 22/10/19 ).

**(CMP) 04:** abriga uma grande diversidade de presos, entre pessoas com distúrbios mentais, mulheres grávidas e policiais civis e militares já condenados, que dividem o espaço com os presos da Operação Lava Jato e escândalos estaduais. O Complexo Médico Penal se diferencia das demais unidades do regime fechado por conta da ausência de muralhas, os presos cuidam do jardim plantam verduras. Contêm atualmente 970 presos e 88 agentes penitenciários, do sexo masculino.

### **Instrumentos**

Foram aplicados cinco instrumentos para levantar características comportamentais e psicológicas dos agentes penitenciários, a saber, **Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp – ISSL** (Lipp, 2000), **Escala de Avaliação da Qualidade de Vida no Trabalho - QVT-** (Rueda, 2016), **Escala de Depressão Beck – BDI** Manual da versão em português (Cunha, 2001), **Escala de Beck Ideação**

**Suicida** – BSI Manual da versão em português (Cunha, 2001) e **Maslach Bournout Inventory** – MBI(Maslach& Jackson 1981).

*Inventário de Sintomas de Stress para Adultos– ISSL* (Lipp, 2000):  
*Possibilita a identificação de quadros característicos do stress*, possibilitando diagnosticar jovens acima de 15 anos e adultos. No total, o ISSL apresenta 37 itens de natureza somática e 19 psicológicas, sendo os sintomas muitas vezes repetidos, diferindo somente em sua intensidade e seriedade. Estrutura-se em três quadros referentes às quatro fases de estresse: o quadro 1 avalia a fase de alerta (Q1); o quadro 2, a fase de resistência e a fase de quase-exaustão (Q2); o quadro 3, a fase de exaustão (Q3). O respondente é solicitado a indicar se tem apresentado o sintoma de estresse especificado em cada quadro em 24 horas (Q1), uma semana (Q2) ou um mês (Q3). A presença de estresse pode ser constatada se qualquer dos escores brutos atingir os limites determinados (maior que 6 no Q1, maior que 3 no Q2, maior que 8 no Q3). As qualidades psicométricas da escala mostraram-se satisfatórias, com índice de consistência interna (Alpha de *Cronbach*) de 0,91 o que significa uma alta confiabilidade do instrumento.

*Escala de Avaliação da Qualidade de Vida no Trabalho – QVT* (Rueda, 2016):  
Tem por objetivo *avaliar a qualidade de vida no trabalho*. A Escala é composta por 35 itens (que oferecem reflexões acerca do âmbito laboral), respondida em escala *Likert* de 1 a 5, variando de discordo totalmente a concordo totalmente. A escala avalia a percepção da QVT com base em quatro fatores: "integração, respeito e autonomia", "compensação justa e adequada", "incentivo e suporte" e "possibilidade de lazer e convívio social". Os coeficientes Alfa de *Cronbach* para esses fatores variam entre 0,80 e 0,90, considerados satisfatórios.



**A Escala de Depressão Beck– BDI** (adaptação e normatização brasileira: Cunha, 2001): *Instrumento que avalia a intensidade de sintomas de depressão.* O instrumento possui 21 itens. Para cada um deles há quatro (com escore variando de 0 a 3) afirmativas de resposta (com exceção dos itens 16 e 18, em que existem sete afirmativas), entre as quais o sujeito escolhe a mais aplicável a si mesmo para descrever como esteve se sentindo nas duas últimas semanas, incluindo o dia de hoje. Estes itens dizem respeito a níveis de gravidade crescentes de depressão, e o escore total é resultado da soma dos itens individuais, podendo alcançar o máximo de 63 pontos. A pontuação final é classificada em níveis mínimo, leve, moderado e grave, indicando assim a intensidade da depressão. Apresenta nível satisfatório de consistência interna (Coeficiente de Cronbach=0,86).

**Escala de Beck Ideação Suicida – BSI** (adaptação e normatização brasileira: Cunha, 2001): *É uma escala de autoavaliação usada para detectar a intensidade da ideação suicida na última semana.* Constituída por 21 itens, cada um com três alternativas de resposta. As propriedades psicométricas dessa escala, na versão em português, são consideradas satisfatórias tanto em amostras clínicas quanto em amostras não clínicas. Em termos de validade, os coeficientes alfa para o instrumento, variam desde 0,59 a 0,62.

**Maslach Bournout Inventory– MBI** (Maslach& Jackson, 1981): *Busca avaliar a incidência da síndrome de burnout.* A versão atual do MBI é composta por 22 perguntas fechadas, relacionadas à frequência com que as pessoas vivenciam determinadas situações em seu ambiente de trabalho. Apresenta escala do tipo Likert, com escala ordinal variando de 1 a 5 (0-nunca, 1-algumas vezes ao ano, 2- algumas vezes ao mês, 3 algumas vezes na semana e 4-Diariamente). Na versão americana original, a consistência interna das três dimensões do inventário apresenta um alfa de

Cronbach que vai desde 0,71 até 0,90, estudos brasileiros têm confirmado a consistência satisfatória do instrumento.

### **Procedimentos éticos**

Inicialmente foi solicitado ao Departamento Penitenciário do Estado do Paraná (DEPEN) autorização para coleta de dados junto aos agentes penitenciários. A autorização foi concedida (despacho do ofício nº 0128 DEPEN/SC) *que autorizou o uso da infraestrutura da 01-Penitenciária Feminina, 02-Penitenciária Central do Estado (PCE), 03-Penitenciária Central do Estado (Unidade de Progressão, PCE-UP) e 04-Complexo Médico Penal (CMP)*. Em seguida, *o projeto foi submetido à Comissão Nacional de Ética em pesquisa – CONEP e aprovado, com o Numero do Parecer: 4.037.968*. Os participantes da pesquisa foram convidados individualmente e os que aceitaram assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### **Procedimentos**

Os diretores de cada unidade prisional foram contatados e, após o agendamento de dias e horários, a equipe de pesquisadores, composta por três alunos do curso de graduação de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e uma aluna do Programa de Pós Graduação em Psicologia da mesma universidade, iniciaram os contatos com os agentes penitenciários para coleta dos dados. Antes da aplicação dos testes era entregue, individualmente, o TCLE em que apresentava os objetivos e implicações dos estudos, assegurando a participação voluntária, o anonimato e a confidencialidade da pesquisa. Após a assinatura dos participantes, foi entregue os

testes aos agentes penitenciários de modo a não interferir com o desenrolar normal do serviço. Como trabalham por plantão os testes foram aplicados em três plantões (três dias) no horário da folga dos agentes. Os testes foram devolvidos a equipe de pesquisadores em envelopes fechados.

### **Análise de dados**

Os testes foram corrigidos de acordo com os manuais de instrução. Os resultados foram digitados em uma planilha do SPSS versão 23.0 (*Statistical Package for Social Science*). Após constatar a não normalidade da amostra pelo teste estatístico *Shapiro Wilk*, foram utilizados os testes não paramétricos de *Spearman* e *Mann Whitney* para fazer as correlação e comparações da amostra.

### **Resultados**

Os instrumentos foram aplicados em 150 agentes penitenciários, em quatro instituições penitenciárias do Estado do Paraná (Tabela 1).

Tabela 1

*Instituições penitenciárias do estado do Paraná*

Local	Frequência	Porcentagem
Penitenciária 01	40	26,7
Penitenciária 02	55	36,7
Penitenciária 03	29	19,3

---

Total	150	100,0
-------	-----	-------

---

A maioria dos participantes havia cursado (52%) ou cursava ensino superior (8,7%), com inclusive curso de especialização (7,3%). Um terço apenas da amostra tinha ensino médio (27,3%), com apenas 2% com ensino fundamental.

A amostra foi formada basicamente por funcionários concursados (88,7%), os demais eram contratados temporariamente. Iniciantes, apenas 2,7% com menos de 1 ano de trabalho, os demais tinham 2 a 5 anos (18%), 6 a 10 anos (22,7%), 11 a 20 anos (32,7), e mais de 21 anos (20,7%). A maioria ganhava entre 4 a 8 salários mínimos (70%), 13% ganhava acima de 9 salários mínimos e 16% até 3 salários mínimos. As escalas de trabalho variavam muito, porém a maioria (68,7%) trabalhava em uma escala de “24/48”. A maioria (55,3%) afirmou não ter tirado licença para saúde até o momento. O tempo de licença variou de 1 dia a 360 dias, com média de 72,4 dias por licença ( $dp=89,6$ ).

Houve polarização a respeito do apoio administrativo, 26,6% o considerou positivo, 35,3% regular e 30% considerou não haver qualquer tipo de apoio administrativo. A maioria (74,7%) afirmou não receber apoio psicológico, poucos (16,7%) consideraram ter recebido apoio regular. A falta de apoio social foi indicada pela maioria (72%), com 16,7% que se considerou ter recebido apoio regular.

**Comparação entre agentes femininos e masculinos das características comportamentais e psicológicas.**

**Tabela 2**

*Comparação dos resultados da Escala de Depressão Beck-BDI para agentes femininos e masculinos*

	Feminino	Masculino	Total
Não tem depressão	1 (2,5%)	39 (35,5%)	40 (26,7%)
Mínimo	19 (47,5%)	35 (31,8%)	54 (36%)
Leve	11 (27,5%)	18 (16,4%)	29 (19,35)
Moderado	5 (12,5%)	12 (10,9%)	17 (11,3%)
Grave	1 (2,5%)	2 (1,8%)	3 (2%)
Sem resultado	3 (7,5%)	4 (3,6%)	7 (4,7%)

A avaliação dos resultados da escala de depressão Beck (2001) mostrou que a maioria (62,7%) não tem depressão (26,7%) ou tem um nível mínimo de depressão (36%), com apenas 3 indivíduos apresentando depressão grave (2%) (Tabela 2). Além disso, constatou-se diferença significativa entre o sexo feminino e masculino ( $p < 0,01$ ), em que as mulheres (42,5%) apresentaram maior nível de stress do que os homens (29,1%) ao se somar as categorias leve, moderado e grave.

**Tabela 3**

*Comparação dos resultados da Escala de Beck Ideação Suicida – BSI para agentes femininos e masculinos*

	Feminino	Masculino	Total
Presença de ideação Suicida	4 (10%)	8 (7,3%)	12 (8,0%)
Não Ideação Suicida	34 (85%)	100 (90,9%)	134 (89,3%)
Sem resultado	2 (5%)	2 (1,8%)	4 (2,7%)

Os resultados da Escala de Beck Ideação Suicida – BSI (Beck, 2001) indicaram que a grande maioria (89,3%) não tem ideação suicida. Apenas foi identificado sinais de ideação suicida em 12 participantes (Tabela 3). Nesta escala não houve diferenças significativas entre o sexo feminino e masculino. Os manuais dos testes, BDI e BSI, indicam que indivíduos com ideação suicida e depressão grave sejam encaminhados para tratamento psicológico e/ou psiquiátrico.

**Tabela 4**

*Comparação dos resultados do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos- ISSL para agentes femininos e masculinos*

	Feminino	Masculino	Z	Total
Presença de stress	3 (7,5%)	54 (49,1%)	-2,976**	57 (38%)
Fase alerta	4 (10%)	64 (58,2)	-3,795**	68 (45,3%)
Fase de resistência	8 (20%)	34 (30,9%)	-	42 (28%)

Fase de exaustão	4 (10%)	41 (37,3%)	-2,129*	45 (30%)
Fase de quase-exaustão	1 (2,5%)	27 (24,5%)	-	28 (18,7%)
Predominância de sintomas físicos	5 (12,5%)	62 (56,4%)	-3,441**	67 (44,7%)
Predominância de sintomas psicológicos	1 (2,5%)	43 (39,1%)	-2,729**	44 (29,3%)

---

\* Valores significativos para  $p < 0,05$

\*\*Valores significativos para  $p < 0,01$

Parte significativa dos agentes apresentou sintomas de stress (38%). Quase metade deles (45,3%) estavam em fase de Alerta, que é a fase positiva do stress, quando o ser humano automaticamente se prepara para a ação, caracterizada pela produção e ação da adrenalina que torna a pessoa mais atenta, mais forte e mais motivada (Tabela 4). Os resultados apontam que 30% estão na fase de exaustão, que é a fase mais negativa do stress, com predominância de sintomas psicológicos. O manual do ISSL indica que a exaustão deve ser tratada para evitar que se desenvolva depressão e dificuldade de concentração no trabalho. Algumas categorias de stress apresentaram diferenças significativas entre homens e mulheres: menor presença de stress entre homens, maior presença da fase alerta e de exaustão entre homens e maior presença de sintomas físicos e psicológicos entre homens.

### **Tabela 5**

*Comparação dos resultados do Malach Bournou Inventory -MBI para agentes femininos e masculinos*

	Exaustão emocional	Despersonalização	Baixa realização pessoal
<b>Feminino</b>			
Baixo	14 (35%)	9 (22,5%)	0 (0%)
Moderado	22 (55%)	27 (67,5%)	0 (0%)
Alto	4 (10%)	4 (10%)	40 (100%)
<b>Masculino</b>			
Baixo	44 (40%)	48 (43,6%)	0 (0%)
Moderado	47 (42,7%)	47 (42,7%)	3 (2,7%)
Alto	19 (17,3%)	15 (13,6%)	107 (97,3%)
<b>Total</b>			
Baixo	58 (38,7%)	57 (38%)	0 (0%)
Moderado	69 (46%)	74 (49,3%)	3 (2%)
Alto	23 (15,3)	19 (12,7%)	147 (98%)

Níveis moderados de esgotamento profissional foram observados em 46% dos participantes para exaustão emocional, em 49,3% para despersonalização e em 3% para baixa realização profissional, que indica decepção com a qualidade do trabalho (Tabela 5). Não houve diferenças significativas em relação aos participantes do sexo feminino e masculino. A diminuição da realização afeta a eficiência e a habilidade para a concretização das tarefas, prejudicando o desempenho profissional, com perda do investimento afetivo.



**Tabela 6**

*Comparação dos resultados da Escala de Avaliação da Qualidade de Vida no Trabalho - QVT para agentes femininos e masculinos*

	Integração, respeito e autonomia	Compensação justa e adequada	Incentivo e suporte	Lazer e convívio social
<b>Feminino</b>				
Baixa	0 (0%)	34 (85%)	26 (65%)	8 (20%)
Média baixa	7 (17,5%)	5 (12,5%)	13 (32,5%)	30 (75%)
Média	22 (55%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Média alta	10 (25%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Alta	0 (0%)	0 (0%)	1 (2,5%)	2 (5%)
<b>Masculino</b>				
Baixa	1 (0,9%)	69 (62,7%)	75 (68,2%)	45 (40,9%)
Média baixa	31 (28,2%)	39 (35,5%)	33 (30%)	62 (56,4%)
Média	56 (50,9%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0,9%)
Média alta	19 (17,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Alta	1 (0,9%)	2 (1,8%)	0 (0%)	1 (0,9%)
<b>Total</b>				
Baixa	1 (7%)	103 (68,7%)	101 (67,3%)	53 (35,3%)
Média baixa	38 (25,3%)	44 (29,3%)	46 (30,7%)	92 (61,3%)

Média	78 (52%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (7%)
Média alta	29 (19,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Alta	1 (7%)	2 (1,3%)	1 (7%)	3 (2%)

---

Índices médios de qualidade de vida no trabalho do fator Integração Respeito e Autonomia do QVT foram obtidos por 52% dos participantes. Dois terços dos participantes consideraram que o agente penitenciário tem uma qualidade de vida muito aquém do esperado com base no que a organização oferece (fator Compensação Justa e Adequada) e baixo Incentivo e Suporte. Consideraram que o trabalhador tem uma qualidade de vida bastante negativa no que se refere ao convívio social fora da organização, seja pela carga horária inadequada ou pela jornada ou horário de trabalho, identificados no fator lazer e convívio social (Tabela 6). O teste de comparação mostrou diferenças significativas ( $p < 0,05$ ) entre os participantes do sexo feminino e masculino nos fatores “Compensação justa e adequada” e “Lazer e convívio social”, mostrando que as mulheres consideram as suas qualidades de vida piores que as dos homens.

Foram encontradas correlações significativas ( $p < 0,05$ ) e negativas entre a fase de exaustão e o apoio psicológico, ou seja, maior exaustão menor apoio psicológico. Correlações significativas ( $p < 0,05$ ) e negativas entre integração, respeito e autonomia com o tempo de licença, ou seja, maior tempo de licença menor integração, respeito e autonomia. Correlações significativas ( $p < 0,05$ ) e negativas entre despersonalização e idade, ou seja, maior idade menor despersonalização. Houve correlação significativa ( $p < 0,05$ ;  $p < 0,01$ ) e positiva entre compensação justa e adequada com tempo de serviço e faixa salarial. Incentivo e suporte se correlacionaram ( $p < 0,05$ ) positivamente com faixa salarial.

**Comparação das características comportamentais e psicológicas por unidade prisional**

**Tabela 7.**

*Comparação da Depressão (BDI) por Unidade Prisional*

Níveis de depressão	PCE-02 n=55	PF -01 n=40	CMP-04 n=26	PCEUP-03 n=29
Sem depressão	20 (36,3%)	1 (2,5%)	5(19,2%)	14(48,3%)
Mínimo	<b>16 (29%)</b>	<b>19 (47,5%)</b>	<b>12 (46,1%)</b>	<b>7 (24,1%)</b>
Leve	<b>10 (18,1%)</b>	<b>11 (27,5%)</b>	<b>4 (15,4%)</b>	<b>4 (13,8%)</b>
Moderado	<b>7 (12,7%)</b>	<b>5 (12,5%)</b>	3 (11,5%)	2 (6,9%)
Grave	1 (1,8%)	1 (2,5%)	0 (0%)	1 (3,4%)

Foram realizadas análises comparativas entre as unidades prisionais estudadas quanto à depressão, ideação suicida e stress dos agentes. A tabela 7 mostra a comparação entre os níveis de depressão dos agentes das quatro unidades prisionais. O teste estatístico mostrou uma diferença entre as unidades especialmente entre os agentes sem sinais de depressão ( $\chi^2 = 26,25$ ;  $p = 0,035$ ), onde a *Penitenciária 03* tem metade dos funcionários sem depressão e a *Penitenciária 01* tem apenas 2,5% sem depressão e quase a metade dos funcionários da *Penitenciária 01* tem depressão no nível mínimo.

No entanto, no geral, poucos funcionários têm depressão em nível moderado e grave, não diferenciando as unidades.

**Tabela 8.***Comparação da Ideação Suicida (BSI) por Unidade Prisional*

Incidência de ideação suicida	PCE n=55	PFeminina n=40	CPM n=26	PCEUP n=29
Não tem ideação suicida	49 (89%)	34 (85%)	24 (92%)	27 (93,1%)
Presença de ideação suicida	<b>5 (9%)</b>	<b>4 (1%)</b>	1 (3,8%)	2 (6,8%)

O nível de ideação suicida entre as unidades foi comparado (Tabela 8) e mostrou não haver diferenças entre as unidades ( $\chi^2 = 2,91$ ;  $p = 0,819$ ). A grande maioria não apresentou ideação suicida, apenas 12 agentes, em toda amostra, apresentaram sinais e precisam ser objeto de atenção da administração penitenciária, buscando encaminhamento para tratamento.

**Tabela 9.***Comparação do stress (ISSL) por Unidade Prisional*

Nível de stress	PCE-02 N = 55	PF- 01 N = 40	CMP -04 N = 26	PCEUP-03 N = 29
Sem stress	15 (27,3%)	17 (42,5%)	10 (38,5%)	13 (44,8%)
Fase alerta	<b>8 (14,5%)</b>	0	3 (11,5%)	2 (6,9%)
Fase resistência	3 (5,5%)	<b>15 (37,5%)</b>	3 (11,5%)	1 (3,5%)

Fase quase exaustão	3 (5,5%)	1 (2,5%)	1 (3,8%)	0
Fase exaustão	16 (29%)	1 (2,5%)	5 (19,2%)	3 (10,4%)
Não respondeu	10 (18,1%)	6 (1,5%)	4 (15,4%)	10 (34,5%)
<b>Total</b>	<b>55</b>	<b>40</b>	<b>26</b>	<b>29</b>

Observa-se na tabela 9 que um terço ou mais da amostra das quatro unidades não apresentou índice de stress. Chama a atenção que um terço da amostra da *Penitenciária 02* está em nível de exaustão, indicando que fatores estressantes estão presentes no cotidiano destes funcionários. Parte significativa (37,5%) das agentes da *Penitenciária 01* estão na fase de resistência, sugerindo que um trabalho de prevenção nesta unidade poderá surtir bons resultados. O nível de stress entre as unidades foi comparado e mostrou não haver diferenças entre as unidades ( $\chi^2 = 2,91$ ;  $p = 0,819$ ).

### **Tabela 10**

*Comparação do nível de burnout por Unidade Prisional*

	PCE -02	PF- 01	CMP- 04	PCEUP-03
	n =55	n = 40	n = 26	n = 29
<b>Baixo</b>				
Exaustão	6	2	8	4
Despersonalização	12	2	5	3
Baixa realização pessoal	2	0	0	

	<b>Total</b>	20 (36%)	4 (10%)	13 (50%)	7 (24%)
<b>Moderado</b>					
	Exaustão	11	0	2	4
	Despersonalização	7	3	5	3
	Baixa realização pessoal	0	0	0	0
	<b>Total</b>	18 (33%)	3 (7,5%)	7 (27%)	7 (24%)
<b>Alto</b>					
	Exaustão	3	5	2	2
	Despersonalização	1	10	0	2
	Baixa realização pessoal	13	19	4	11
	<b>Total</b>	17 (31%)	34 (85%)	6 (23%)	15 (52%)
	<b>Total Geral</b>	55	40	26	29

---

A análise da incidência de burnout nas unidades prisionais mostrou que há índices preocupantes na PCEUP (52%) e na Penitenciária Feminina (85%) dos agentes com altos índices de burnout, que são expressos pela baixa realização pessoal (Tabela 10). Importante salientar que é a baixa realização pessoal que está provocando os altos índices de burnout em todas as unidades.

**Tabela 11***Comparação do nível de qualidade de vida por Unidade Prisional*

	Baixo	Médio baixo	Médio	Médio alto	Alto
<b>PCE-02 n=55</b>					
Integração, Respeito e Autonomia		6	4	5	
Compensação justa e adequada	10	6			
Incentivo e Suporte lazer e convívio social	10 4		10		
<b>Total</b>	26 (47%)	26 (47%)	4 (7,3%)	5 (9%)	0
<b>PF- 01 n=40</b>					
Integração, Respeito e Autonomia	0	10	8	0	0
Compensação justa e adequada	6	0	0	0	0
Incentivo e Suporte lazer e convívio social	6 10	0	0	0	0

<b>Total</b>	22 (55%)	10 (25%)	8 (20%)	0	0
--------------	----------	----------	---------	---	---

**CMP-04 n=26**

Integração, Respeito e Autonomia	1		4	3	
Compensação justa e adequada	5				
Incentivo e Suporte	5				
lazer e convívio social	4	3	1		
<b>Total</b>	15 (58%)	3 (11,5%)	5 (19%)	3 (11,5%)	

**PCEUP- 03 n=29**

Integração, Respeito e Autonomia			6	3	
Compensação justa e adequada	2	3			
Incentivo e Suporte	6	3			
lazer e convívio social	2	4			
<b>Total</b>	10 (34,5%)	10 (34,5%)	6 (20,6%)	3 (10,3%)	

---

Corroborando os dados de burnout, o teste de qualidade de vida mostrou que os agentes, consideram o nível de qualidade de vida, em geral, baixo ou médio baixo



quanto à compensação justa e adequada, ao incentivo e suporte, e ao lazer e convívio social. Avaliaram melhor a integração, respeito e autonomia no trabalho (Tabela 11).

**Tabela 12.**

Licença de saúde dos agentes penitenciários

Intervalo de tempo	F (%) n= 71
1-10 dias	10 (14%)
11-20 dias	12 (17%)
21-30 dias	12 (17%)
31-60 dias	20 (28%)
61-90 dias	4 (5,7%)
91-180 dias	5 (7%)
181-241 dias	5 (7%)
241-365 dias	3 (4,3%)

Em uma amostra de 150 agentes penitenciários, 71 deles (47,33%) informou ter tirado licença de saúde, com uma média de 72,45 dias (DP=89,68), variando de um dia a 365 dias. Comparando-se as licenças por unidade prisional obteve-se que foram 26 agentes (47,3%) na PCE-02, 18 agentes (45%) na PF-01, 17 (65,4%) no CMP-04 e 10 agentes (52,6%) na PCEUP-03. O maior percentual de licenças foi no CMP-04 e o menor na PCE-02. A Tabela 12 mostra que o período de 30 a 60 dias de licença foi

utilizado por 20 (28%) dos agentes, sendo o de maior frequência, apenas 3 agentes (4,3%) tiraram licença de aproximadamente um ano.

Em resumo, os resultados indicaram não haver diferenças entre os sexos em depressão, ideação suicida, stress e *burnout*. Apenas encontraram-se diferenças significativas ( $p < 0,05$ ) entre os participantes do sexo feminino e masculino nos fatores “Compensação justa e adequada” e “Lazer e convívio social”, *mostrando que as mulheres consideram as suas qualidades de vida piores que as dos homens*. A maioria não apresentou depressão (62,7%) nem ideação suicida (89,3%), *apenas foram identificados sinais de ideação suicida em 12 participantes*. Parte significativa dos agentes apresentou sintomas de stress (38%) sendo que metade deles (45,3%) estavam em fase de alerta, que é a fase positiva do stress. Um terço estava na fase de exaustão, que é a fase mais negativa do stress, com predominância de sintomas psicológicos. Foram observados níveis moderados de esgotamento profissional em 46% dos participantes para exaustão emocional, em 49,3% para despersonalização e em 3% para baixa realização profissional, que indica decepção com a qualidade do trabalho. Observou-se índices médios de qualidade de vida no trabalho do fator Integração Respeito e Autonomia em 52% dos participantes. O teste de comparação indicou diferenças significativas ( $p < 0,05$ ) entre os participantes do sexo feminino e masculino

## **Discussão**

Pesquisadores levantaram características comportamentais e psicológicas, tais como stress, depressão, bournout, ideação suicida e qualidade de vida em agentes penitenciários. A literatura internacional (Hartley et al., 2013; Hart, 2016; Lambert et al., 2013) e a nacional (Bonez et al 2013; Fernandes et al., 2002; Giongo, & Ruckert,

2018; Lourenço, 2010; Santos, 2010), vêm apontando para o elevado índice de adoecimento psíquico (estresse, alcoolismo, transtornos mentais), que marca o cotidiano laboral dessa categoria.

Os resultados do presente estudo mostraram que 39,8% dos agentes penitenciários apresentaram sofrimento profissional, incluindo sofrimento psicológico e baixa conscientização profissional. A maioria dos entrevistados não apresentou depressão (62,7%) nem ideação suicida (89,3%) e apenas foram identificados sinais de ideação suicida em 12 participantes. Parte significativa dos agentes apresentou sintomas de stress (38%) sendo que metade deles (45,3%) estavam em fase de alerta, que é a fase positiva do stress. Um terço estava na fase de exaustão, que é a fase mais negativa do stress, com predominância de sintomas psicológicos. Foram observados níveis moderados de esgotamento profissional em 46% dos participantes para exaustão emocional, em 49,3% para despersonalização e em 3% para baixa realização profissional, que indica decepção com a qualidade do trabalho. Observou-se índices médios de qualidade de vida no trabalho do fator Integração, Respeito e Autonomia em 52% dos participantes.

De forma indiscriminada, os presos tendem a questionar constantemente a autoridade do agente penitenciário e hostilizar os vínculos estabelecidos (Fernandes et al., 2002). As atividades realizadas pelos agentes, juntamente com as más condições oferecidas pelo sistema penitenciário brasileiro e o desrespeito à sociedade, também influenciam não apenas a saúde física do agente penitenciário, mas também seu estresse e sofrimento psicológico (Bonez et al 2013).

Santos (2010) aponta que a superlotação carcerária se configura em iminentes riscos de ataques violentos entre os encarcerados e os agentes. Os agentes experimentam durante toda sua jornada, uma incerteza quanto à eficiência da segurança

na unidade onde trabalham. A possibilidade de rebelião, fuga em massa, resistência armada de presos em decorrência de falhas na segurança são preocupações diárias (Fernandes, et al, 2002). Destaca-se a superlotação e o reduzido número de agentes penitenciários como fator de sobrecarga que acabam por cronificar o desgaste físico e mental no cotidiano desses profissionais, que podem ser estendidas a suas famílias e gerar abuso de álcool (Diuana et al 2008; Lopes, 2007; Martins, 2009; Rumin, 2006).

Dial et al (2010) apontam que os problemas do cotidiano desta categoria poderiam ser atenuados por meio de ações gerenciais e administrativas, com foco na importância do apoio social interno (supervisão/liderança), treinamento, problemas causados pela superlotação, aumento da motivação e da produtividade. O apoio social recebido dentro prisão (por colegas e supervisores) alivia os efeitos do estresse no trabalho na saúde, e é um fator relevante e protetor comprovado (Bonez et al, 2013). Atividades de monitoramento e assessoria no local de trabalho para promoção da saúde, redução de acidentes podem resultar em uma melhoria na qualidade de vida destes trabalhadores (Ascari 2016). É importante perceber que a prevenção e os cuidados de saúde mental a saúde dos agentes penitenciários não beneficia apenas profissionais penitenciários, mas também suas famílias, os prisioneiros, a família dos prisioneiros e sociedade como um todo (Campos, 2016).

Uma limitação da pesquisa refere-se à acessibilidade aos agentes penitenciários para coletar os dados. Eles são trabalhadores com pouco tempo disponível para entrevistas e aplicação dos testes em função do horário da jornada de trabalho. Além disto, percebeu-se que, parte deles, demonstraram alguma reserva em relatar os fatores de risco, que geram medo e insegurança, fazendo com que nem todos queiram participar da pesquisa e, um terço dos convidados a participar da pesquisa, se recusaram. Por outro lado, houve uma ótima receptividade para pesquisa entre os dirigentes das quatro

unidades penitenciárias que compuseram a amostra. Outra limitação, refere-se ao número reduzido de agentes femininas (40), que pode dificultar a generalização dos resultados.

Os resultados deste estudo precisam ser mais bem fundamentados com estudos futuros com um maior número de agentes do sexo feminino e de outras unidades prisionais para que se possa visualizar melhor a situação condições físicas e psicológicas desta categoria laboral. Resultados mais contundentes poderão auxiliar a administração a buscar ações que minimizem os efeitos do trabalho estressante a que estão submetidos estes trabalhadores, como apoio administrativo e psicológico. É importante notar que a prevenção e a atenção à saúde física e psicológica de agentes penitenciários beneficiam não só os profissionais prisionais, mas também suas famílias, o preso, a família do preso e a sociedade como um todo.

## **Referências**

- Akoensi, T. D. (2018). 'In this job, you cannot have time for family': Work–Family conflict among prison officers in Ghana. *Criminology & Criminal Justice*, 18(2), 207-225. doi: 10.1177/1748895817694676
- Albalawi, A. E. , Alhawiti, T. S. , Aldahi1A. S. , Alshehri ,Y. M. , Salem K. A. , Mirghani H. O.(2017) The assessment of the burnout syndrome among medical students in Tabuk University, a cross-sectional analytic study *Basic Research Journal of Medicine and Clinical Sciences ISSN 2315-6864 Vol. 6(1) pp. 14-19 Basic Research Journal.*
- Araújo, C., & Scalón, C. (2005). *Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho no Brasil. Gênero, família e no Brasil.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

- Armstrong, G.S. & Griffin, M. (2004) Does the job matter? Comparing correlates of stress among treatment and correctional staff in prisons. *Journal of Criminal Justice*, v.32, p.577-592, 2004.
- Ascari R.A, Dumke M., Dacol P.M., Junior S.M., Sá C.A. & Lautert L. (2016) Prevalência de risco para síndrome de burnout em policiais militares. *Cogitare Enferm* 2016; 21:01-10
- Barcinski, M., Altenbernd, B., & Campani, C. (2014). Entre cuidar e vigiar: Ambiguidades e contradições no discurso de uma agente penitenciária. *Ciência e Saúde Coletiva*, 19(7), 2245-2254. doi: 0.1590/1413-81232014197.09892013
- Bezerra, C. M., Assis, S. G., & Constantino, P. (2016) Sofrimento psíquico e estresse no trabalho de agentes penitenciários: Uma revisão da literatura. *Ciência e Saúde Coletiva*, 21(7). doi: 10.1590/1413-81232015217.00502016
- Bebbington P.E.(1998) *Sex and depression. Psychol Med. 1998;28(1):1-8.*
- Bonez, A., Moro, D. A. B. E., & Sehnem, S. B. (2013). Saúde mental de agentes penitenciários de um presídio catarinense. *Psicologia Argumento*, 31(74), 507-517. doi: 10.7213/psicol.argum.31.074.AO05
- Boudoukha, A. H., Altintas, E., Rusinek, S., Hauwel, F. C., & Hautekeete, M. (2016) *Inmates-to-staff assaults, PTSD and burnout: profiles of risk and vulnerability. J Interpers Violence*, 28(11), 2332-2350. doi: 10.1177/0886260512475314
- Boudoukha, A. H., Hautekeete, M., Abdelaoui, S., Groux, W., & Garay, D. (2011). Burnout and victimisation: Impact of inmates' aggression towards prison guards. *Encephale*, 37(4), 284-92. doi:10.1016/j.encep. 2010.08.006.
- Borges, V. R., & Werlang, B. S. G. (2006). Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. *Estudos de Psicologia*, 11(3), 345-351

- Bourbonnais, R.; Jauvin, N.; Dussault, J. & Vézina, M.(2007) *Psychosocial work environment, interpersonal violence at work and mental health among correctional officers. International Journal of Law and Psychiatry, v.30, p.355–368, 2007*
- Camp, S.; Lambert, E. (2006) *The influence of organizational incentives on absenteeism: sick-leave use among correctional workers. Criminal Justice Policy Review, v.17, p.144-172, 2006.*
- Campos JADB, Schneider V, Bonafé FSS, Oliveira RV, Maroco J. *Burnout Syndrome and alcohol consumption in prison employees. Rev. Bras. epidemiol 2016; 19:205-216.*
- Carlotto, M. S. & Câmara, S. G. (2008). Análise da produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. *Revista Psico, 39(2), 152-158.*
- Cervený ,G.C.O. ; Costa, P. & Ferrareto, S.B. (2014) *Avaliação da qualidade de vida, nível de Burnout e enfrentamento do estresse no trabalho de agentes comunitários de uma unidade de Programa de Saúde da Família no município de Piracicaba/SP Revista Brasileira sobre Qualidade de Vida v. 06, n. 03, jul./set. 2014, p. 164-173 DOI: 10.3895/S2175-08582014000300002.*
- Chiavenato, I. (1999). *Gestão de Pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações. 7ed. Rio de Janeiro, 1999, p. 374-398.*
- Costa, P., Ferrareto, S. B., & Cervený, G. C. O. (2014). Avaliação da qualidade de vida, nível de Burnout e enfrentamento do estresse no trabalho de agentes comunitários de uma unidade de Programa de Saúde da Família no município de Piracicaba/SP. *Rev. bras. Qual. Vida, 6(3), 164-173. doi: 10.3895/S2175-08582014000300002*
- Cullen, F. T., Link, B. G., Wolfe, N. T., & Frank, J. (1985). The social dimensions of correctional officer stress. *Justice Quarterly, 2(4), 505-533. doi: 10.1080/07418828500088711*

- Cunha, J. A. (2001). *Manual da versão em português das Escalas Beck*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Codo, W. (2002). Um diagnóstico integrado do trabalho com ênfase em saúde mental. In M. G. Jacques & W. Codo (Eds.), *Saúde mental & trabalho: Leituras* (pp. 173-192). Petrópolis: Vozes .
- Dial K.C, Downey R.A & Goodlin W.E.(2010) *The job in the joint: The impact of generation and gender on work stress in prison. J Crim Justice. 2010;38(4):609–15.*
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo (SP): Cortez- Oboré.
- Dimenstein, M. , Lima, A. I. O. , Figueiró, R. A., & Leite, J. F. (2017). Uso abusivo de álcool e outras drogas entre trabalhadores do sistema prisional. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho, 17(1)*, 62-70. doi: 10.17652/rpot/2017.1.12705
- Dial KC, Downey RA, Goodlin WE. *The job in the joint: The impact of generation and gender on work stress in prison. J Crim Justice. 2010; 38(4):609–15.*
- Diwana V, Lhuilier D, Sánchez A, Amado G, Araújo L. & Duarte A.M (2008) *Saúde em prisões: representações e práticas dos agentes de segurança penitenciária no Rio de Janeiro, Brasil. Cad. Saúde Pública. 2008 vol.24, n.8.*
- Elias A. L. & Voser, R. C. (2017). O estresse e a síndrome de burnout em personal trainers: Um estudo descritivo e exploratório. *Efdportes.com, Revista Digital*, 173.
- Fernandes, R. C. P., Neto, A. M. S., Sena, G. M., Leal, A. S., Carneiro, C. A. P., & Costa, F. P. M. (2002). Trabalho e cárcere: Um estudo com agentes penitenciários da Região Metropolitana de Salvador, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(3), 807-816
- Ghaddar, A.; Mateo, I. & Sanchez, P. ( 2008) *Occupational stress nad mental health among officers: a cross-sectional study. Journal of Occupational Health, v.50, p.92 - 98, 2008.*



- Gonçalo, H., Gomes, R. A., Barbosa, F., & Afonso, J. (2010). Stress ocupacional em forças de segurança: Um estudo comparativo. *Análise Psicológica*, 28(1), 165-178.
- Goldberg, P.; David, S.; Landre, M.; Oldberg, M.; Dassa, S. & Fuhrer, R. (1996) *Work conditions and mental health among prison staff in France. Scandinavian Journal of Work, Environment & Health*, v.22, n.1, p. 45–54, 1996.
- Goldberg, D., & Huxley, P. (1992). Common mental disorders: A bio-social model. London, New York: Tavistock, Routledge
- Hartley, D. J., Davila, M. A., Marquart, J. W., Mullings, J. L. (2013). Fear is a disease: The impact of fear and exposure to infectious disease on correctional officer job stress and satisfaction. *American Journal of Criminal Justice*, 38(2), 323-340.
- Harding T.W, De Arango V, Baltazar J, Climent C.E, Ibrahim A & Ladrido-Ignacio L, (1980) Mental disorders in primary health care: a study of their frequency and diagnosis in four developing countries. *Psychol Med.* :231–41.
- Isenhardt, A. & Hostettler, U. (2016). Inmate violence and correctional staff burnout: The role of sense of security, gender, and job characteristics. *Journal of Interpersonal Violence*, 35, 173-207. doi: 10.1177/0886260516681156.
- Jibeli, C. (2009). *Questionário Jibeli para identificação preliminar da Burnout [inspirado no Maslach Burnout Inventory – MBI]. 2009. Disponível em: [http://www.chafic.com.br/index\\_arquivos/Burnout.pdf](http://www.chafic.com.br/index_arquivos/Burnout.pdf) .*
- Johnson, S.; Cooper, C.; Cartwright, S.; Donald, I.; Taylor, P.& Millet, C. (2005) *The experience of work relates stress across occupations. Journal of Managerial Psychology*, v.20, p.1-2, 2005.
- Kalinsky, B. (2008). *El agente penitenciario: La cárcel como ámbito laboral. Runa*, 28, 43-57.

- Kinman,G. Clements,A.J., Hart, J. (2016) Working Conditions, Work–Life Conflict, and Well-Being in U.K. Prison Officers: The Role of Affective Rumination and Detachment First Published August 25, 2016 Research Article <https://doi.org/10.1177/0093854816664923>.
- Kurowski, C. M. & Moreno-Jiménez, B. (2002). A Síndrome de Burnout em funcionários de Instituições penitenciárias. In: A. M. T. Benevides-Pereira (Org.). *Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lambert, E. (2010). The relationship of organizational citizenship behavior with job satisfaction, turnover intent, life satisfaction, and burnout among correctional staff. *Criminal Justice Studies*, 23(4), 361-380. doi: 10.1080/1478601X.2010.516533
- Lambert, E. G., Hogan, N. L. (2010). Exploring the relationship between social support and job Burnout among correctional staff. *Criminal justice and behavior*, 37(11), 1217-1236. doi: 10.1177/0093854810379552
- Lambert, E. G., Kelley, T., & Hogan, N. L. (2013). Hanging on too long: The relationship between different forms of organizational commitment and emotional burnout among correctional staff. *American Journal of Criminal Justice* 38(1), 51–66. doi: 10.1007/s12103-012-9159-1
- Lambert , E. ; Hogan, N.L.; Cheeseman, K., Bellessa, S.M.B. (2013) The Relationship between Job Stressors and Job Involvement Among Correctional Staff: A Test of the Job Strain Model in *The Howard Journal of Crime and Justice* 52(1) · February 2013 with 60 Reads DOI: 10.1111/hojo.12002
- Latack, J. C. (1986). Coping with job stress: Measures and future directions for scale development. *Journal of Applied Psychology*, 71(3), 377-385. doi: 10.1037/0021-901071.3.377

- Lima, F. P., Blank, V. L. G., & Menegon, F. A. (2015). Prevalence of mental and behavioral disorders in military police of Santa Catarina. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(3), 824-840. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703002242013>
- Lima, A. I. O., Dimenstein, M., Figueiró, R., Leite, J., & Dantas, C. (2019). Prevalência de transtornos mentais comuns e uso de álcool e drogas entre agentes penitenciários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35. doi: 10.1590/0102.3772e3555
- Lipp, M. N. (2000). *Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de LIPP (ISSI)*. São Paulo (SP): Casa do Psicólogo.
- Lopes, R. (2007). Psicologia Jurídica o cotidiano da violência: o trabalho do agente de segurança penitenciária nas instituições prisionais. *Psicologia para América Latina*, 0,1-8
- Lourenço, L. C. (2010a). Batendo a tranca: Impactos do encarceramento em agentes penitenciários da região metropolitana de Belo Horizonte. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 3(10), 11-31.
- Lourenço, A. S. (2010b). *O espaço de vida do Agente de Segurança Penitenciária no cárcere: entre gaiolas, ratoeiras e aquários (Tese de doutorado)*, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Mari, J. J.; Williams, P. A. (1986) Validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of Sao Paulo. *British Journal of Psychiatry*, Londres, v. 148, n. 1. p. 23-26.
- Marques, G. S., Giongo, C. R., & Ruckert, C. (2018). Saúde mental de agentes penitenciários no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Dialogo*, 38, 89-98. doi: 10.18316/dialogo.v0i38.4202
- Maslach, C. & Jackson, S. E. (1981). The measurement of experienced burnout. *Journal of Occupational Behavior*, 2(2), 99-113.

- Oliveira, R. V., Schneider, V., Bonafé, F. S., Maroco, J., & Campos, J. A. (2016). Occupational characteristics and Burnout Syndrome in Brazilian correctional staff. *Work*, 55(1), 215-223. doi: 10.4067/S0718-24492018000100036
- Psychol Med. 1998 Jan;28(1):9-19, Sep;28(5):1253 The Influence of age and sex on the prevalence of depressive conditions: report from the National Survey of Psychiatric Morbidity.( EUA)
- Rodrigues, E. P., Rodrigues, U. S., Oliveira, L. M. M., Laudano, R. C. S., & Nascimento Sobrinho, C. L. (2014). Prevalência de transtornos mentais comuns em trabalhadores de enfermagem em um hospital da Bahia. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 67(2), 296-301. <https://dx.doi.org/10.5935/00347167.20140040>
- Rueda, F. J. M. (2016). *Escala de Avaliação da Qualidade de Vida no Trabalho*. Editora Vetor: São Paulo/SP
- Rumin, C. R., Barros, G. I. F., Cardozo, W. R., Cavalhero, R., & Atelli, R. (2011). O sofrimento Psíquico no trabalho de vigilância em prisões. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26(4), 570-581. doi: 10.1590/S1414-98932011000100016.
- Santana, M. J. & Cruz, R. (2015) Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados ao Trabalho dos Agentes Penitenciários do Estado de Santa Catarina. ISMA-BR – International Stress Management Association. Brasil.
- Santos D. C. D., Dias, J. S., Pereira, M. B. M., Moreira, T. A., Barros, D. M., & Serafim, A. P. (2010). Prevalência de transtornos mentais comuns em agentes penitenciários. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, 8(1), 33-38. 2010.
- Santos, M. M. (2010). Agente penitenciário: Trabalho no cárcere. (PPGPSI - Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/17464>.

- Scartazzini, L. & Borges, L. M. (2018). Condição psicossocial do agente penitenciário: Uma revisão teórica. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, 38(94), 45-53.
- Schaufeli, W. B, Peeters, M. C. W. Job Stress and Burnout among Correctional Officers: A Literature Review. *International Journal of Stress Management*, v. 7, n. 1, p. 19-48, 2000
- Siqueira, G. R. (2009) Análise da sintomatologia depressiva nos moradores do abrigo, Cristo Redentor através da aplicação da Escala de Depressão Geriátrica (EDG). *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 253-259, 2009.
- Steiner, B., & Wooldredge, J. (2015). Individual and environmental sources of work stress among prison officers. *Criminal Justice and Behavior*, 42(8), 800-818. doi: 10.1177/0093854814564463
- Skapinakis P, Bellos, S., Koupidis, S., Grammatikopoulos, I., Theodorakis, P., & Mavreas, V. (2013). Prevalence and sociodemographic associations of common mental disorders in a nationally representative sample of the general population of Greece. *BMC Psychiatry*. 13, 163.
- Tartaglino, A. & Safran, D. (1997) A topography of psychiatric disorders among correction officers. *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, v. 39, p. 569-573, 1997.
- Tewksbury, R. & Higgins, G. E. (2006). Examining the effect of emotional dissonance on work stress and satisfaction with supervisors among correctional staff. *Criminal Justice Policy Review*, 17(3), 290-301. doi: 10.1177/0887403405282961.
- The WHOQOL Group (1994). The development of the World Health Organization Quality of Life Assessment Instrument (the WHOQOL). In: J. Orley & W. Kuyken (Eds.). *Quality of life assessment: international perspectives* (pp. 41-60). doi: 10.1007/978-3-642-79123-9

Tschiedel, R. M. & Monteiro, J. K. (2013). Prazer e sofrimento no trabalho das agentes de segurança penitenciária. *Estudos de psicologia*, 18(3), 527-535. doi: 10.1590/S1413-294X2013000300013

Turecki, G. (1999) O suicídio e sua relação com o comportamento impulsivo-agressivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 21, 18-22. doi: 10.1590/S1516-44461999000600006

Van Hasselt, & Kinman, (2012) Working conditions, work–life conflict, and well-being in U.K. Prison officers: The role of affective rumination and detachment. *Criminal Justice and Behavior*, 44(2), 226–239. doi: 10.1177/0093854816664923